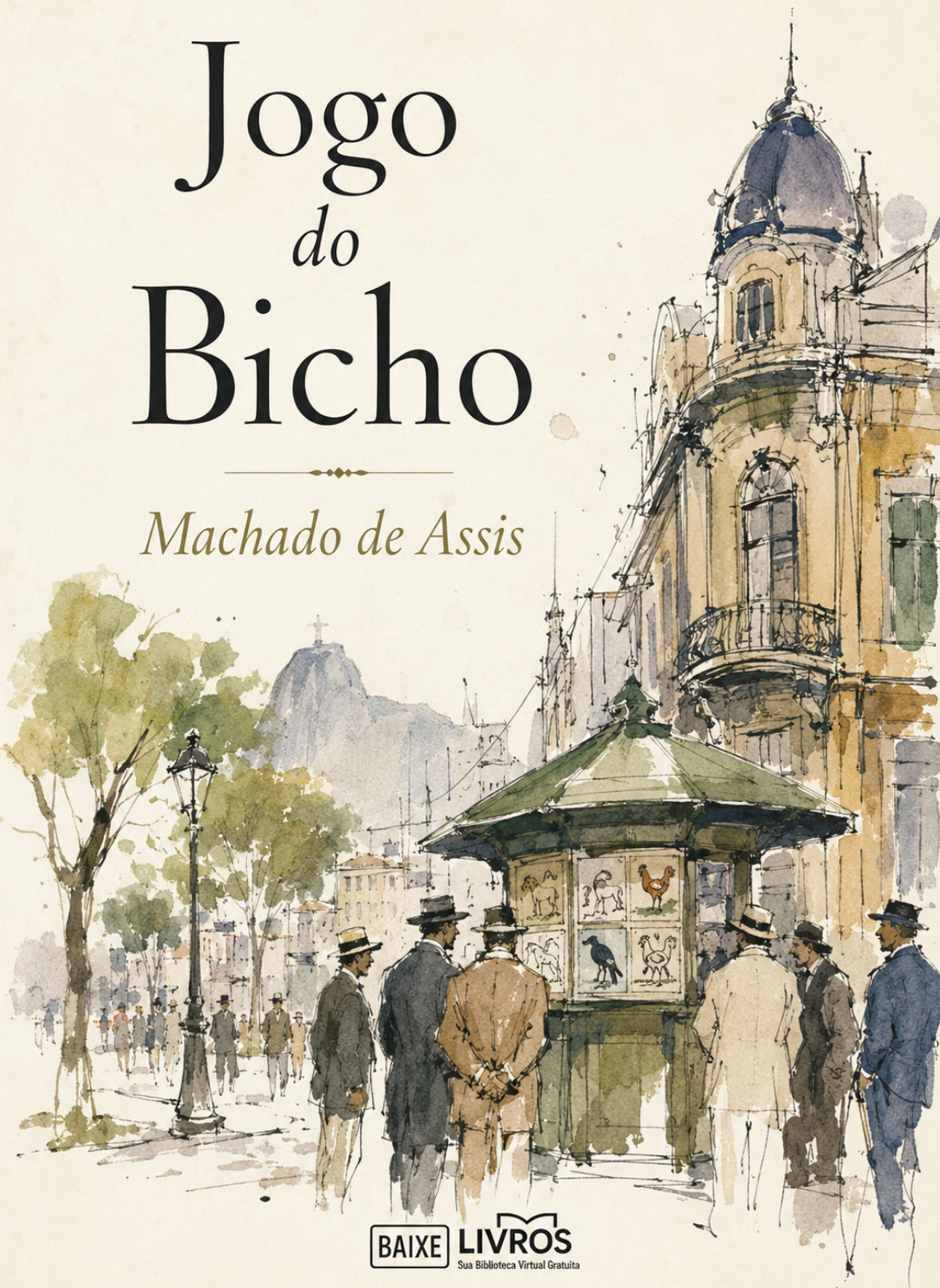


Jogo do Bicho

Machado de Assis



Jogo do Bicho

— 🐾 —

Machado de Assis

Jogo do Bicho

Versão Atualizada

2026

Machado de Assis

Este material foi enviado e devidamente autorizado pelo responsável legal, autorizando sua disponibilização gratuita e integral por meio da plataforma BaixeLivros.

Caso deseje compartilhá-lo fora deste ambiente, é necessário obter a devida permissão. Além disso, a licença gratuita concedida para este material poderá ser alterada futuramente a critério do autor.

Reforçamos o compromisso com a ética e a valorização do trabalho dos autores, tradutores e editores, oferecendo acesso responsável à leitura.

Para ler este e outros títulos, acesse: www.baixelivros.com.br

Nota editorial

“Jogo do bicho” é um dos contos tardios de Machado de Assis (1839–1908), publicado no Almanaque Brasileiro Garnier em janeiro de 1904, quatro anos antes da morte do escritor. É Machado em plena maturidade: em poucas páginas, acompanha a rotina de Camilo, um modesto escriturário de arsenal, e o fascínio silencioso que a loteria informal do bicho exerce sobre quem sonha, dia após dia, com a virada de sorte que nunca chega inteira.

O conto é uma pequena obra-prima de ironia. O narrador machadiano observa, com malícia e ternura, a aritmética das esperanças humanas — as contas que Camilo faz e refaz para não enxergar o próprio prejuízo, a fé que “abala montanhas” e a alegria da mulher que sustenta a casa apesar de tudo. O final, exato até o último vintém, é uma das conclusões mais delicadas e certeiras do autor.

Esta edição apresenta o texto em uma versão atualizada para o português de hoje, com ortografia e construções modernizadas para tornar a leitura mais fluente, preservando integralmente o enredo, os diálogos, a ironia e o estilo do original. As notas ao final esclarecem termos de época – o dinheiro em réis, as gírias, as expressões – e registram as escolhas de vocabulário feitas nesta atualização.

Jogo do Bicho



Camilo — ou Camilinho, como alguns o chamavam por amizade — tinha um emprego de escriturário em um dos arsenais do Rio de Janeiro (o da Marinha ou o da Guerra). Ganhava duzentos mil-réis por mês, sujeitos aos descontos da taxa e do montepio. Era solteiro; mas um dia, nas férias, foi passar a noite de Natal na casa de um amigo, no subúrbio do Rocha. Lá viu uma criaturinha modesta, de vestido azul e olhos pedintes. Três meses depois, estavam casados.

Nenhum dos dois tinha nada. Ele, só o emprego; ela, as mãos e as pernas para cuidar da casa inteira, que era pequena, e para ajudar a velha negra que a tinha criado e que a acompanhava sem receber salário.

Foi essa velha que fez o casamento sair mais depressa. Não que tivesse dado tal conselho; a rigor, achava melhor que a moça ficasse com a tia viúva, sem obrigações nem filhos. Mas ninguém lhe pediu opinião. Um dia, porém, ela comentou que, se a filha de criação se casasse, iria servi-la de graça. A frase foi contada a Camilo, e Camilo resolveu casar dois meses depois. Se tivesse pensado um pouco, talvez não casasse tão cedo: a velha já tinha muita idade, eles eram jovens etc. Mas a ideia de que ela os serviria de graça entrou como verba eterna no orçamento.

Germana — assim se chamava — cumpriu a palavra dada.

— Um caco de gente sempre pode fazer uma panela de comida — disse ela.

Um ano depois, o casal tinha um filho, e a alegria que ele trouxe compensou os gastos que traria. Joaninha, a esposa, dispensou ama de leite: tanto era o leite, e tamanha a saúde — sem contar a falta de dinheiro; embora, verdade seja dita, nem tenham pensado nisso.

Para o jovem funcionário, tudo era alegria, tudo era esperança. Ia haver uma reforma no arsenal, e ele seria promovido. Enquanto a reforma não vinha, abriu-se uma vaga por morte, e ele acompanhou o enterro do colega quase rindo. Em casa, não se conteve e riu. Explicou à mulher tudo o que ia acontecer, os nomes dos dois que seriam promovidos: um tal de Botelho, protegido do general , e *ele*. *A promoção veio — e contemplou Botelho e outro.*

Camilo chorou desesperado, deu murros na cama, na mesa e em si mesmo.

— Tenha paciência — dizia Joaquina.

— Que paciência? Faz cinco anos que eu marco passo...

Interrompeu-se. Aquela palavra, da linguagem militar, aplicada por um funcionário do arsenal, foi como água na fervura: consolou-o. Camilo gostou de si mesmo. Chegou a repeti-la aos colegas mais próximos.

Tempos depois, quando se voltou a falar em reforma, Camilo foi procurar o ministro e disse:

— Veja Vossa Excelência que há mais de cinco anos eu vivo *marcando passo*.

O grifo serve para marcar a ênfase que ele deu ao final da frase. Pareceu-lhe que causava boa impressão no ministro — embora todo mundo usasse a mesma imagem: funcionários, comerciantes, juízes, industriais etc. etc.

Não houve reforma; Camilo se acomodou e foi vivendo. A essa altura já tinha algumas dívidas, recebia o salário adiantado com desconto, procurava trabalhos por fora, às escondidas. Como eram jovens e se amavam, o mau tempo trazia a ideia de um céu perpetuamente azul.

Apesar dessa explicação, houve uma semana em que a alegria de Camilo foi extraordinária. Vocês vão ver. Que a posteridade me ouça: Camilo, pela primeira vez, jogou no bicho.

Jogar no bicho não é um eufemismo, como “matar o bicho”. O jogador escolhe um número, que por convenção representa um bicho; se esse número calha de ser o final do prêmio maior da loteria, todos os que arriscaram nele os seus vinténs ganham — e todos os que confiaram em outros bichos perdem. Começou com vinténs, e dizem que hoje já anda pelos contos de réis; mas vamos ao nosso caso.

Na primeira vez em que jogou no bicho, Camilo escolheu o macaco e, entrando com cinco tostões, ganhou não sei quantas vezes mais. Achou aquilo um despropósito tão grande que não quis acreditar; mas afinal foi obrigado a acreditar, ver e receber o dinheiro. Naturalmente voltou ao macaco duas, três, quatro vezes, mas o animal, meio homem, falhou às esperanças do primeiro dia.

Camilo recorreu a outros bichos, sem sorte melhor, e o lucro inteiro voltou para a gaveta do bicheiro. Entendeu que era melhor descansar por um tempo; mas não há descanso eterno, nem mesmo o das sepulturas: um dia lá vem a mão do arqueólogo pesquisar os ossos e as idades. Camilo tinha fé. E a fé abala montanhas.

Tentou o gato, depois o cachorro, depois o avestruz; como nunca tinha jogado neles, podia ser que... Não pôde ser: a sorte igualou os três animais, não fazendo nenhum deles dar nada.

Não queria seguir os palpites dos jornais, como faziam alguns amigos. Camilo perguntava como é que meia dúzia de pessoas, escrevendo notícias, podia adivinhar os números do prêmio. Certa vez, para provar o erro, concordou em aceitar um palpite, comprou no gato — e ganhou.

— E então? — perguntaram os amigos.

— Nem sempre a gente perde — respondeu ele.

— Acaba-se ganhando sempre — emendou um. — A questão é tenacidade: não afrouxar nunca.

Apesar disso, Camilo continuou com os próprios cálculos. No máximo, cedia a certos sinais que pareciam vir do céu, como a frase de uma criança na rua: “Mãe, por que a senhora não joga hoje na cobra?” Ia na cobra e perdia; perdendo, explicava o fato a si mesmo com os melhores raciocínios deste mundo — e a razão fortalecia a fé.

Em vez da reforma da repartição, veio um aumento de salário, cerca de sessenta mil-réis mensais. Camilo resolveu batizar o filho e escolheu para padrinho nada menos que o próprio sujeito que lhe vendia os bichos, o banqueiro do jogo. Não havia entre eles nenhuma relação de família; parece até que o homem era um solteirão sem parentes. O convite foi tão inesperado que quase o fez rir; mas o homem viu a sinceridade do rapaz, achou a escolha muito honrosa e aceitou com prazer.

— Não é festa de casaca, é?

— Que casaca, nada! Coisa modesta.

— Nem carro?

— Carro...

— Para que carro?

— É... basta ir a pé. A igreja é perto, na outra rua.

— Pois então a pé.

Qualquer pessoa esperta já descobriu que a ideia de Camilo era que o batizado fosse de carro. Também descobriu, pela hesitação e pelo jeito, que dentro dessa ideia morava outra: a de deixar que o carro fosse pago pelo padrinho; se o padrinho não pagasse, ninguém pagaria.

Fez-se o batizado, o padrinho deixou uma lembrança para o afilhado e prometeu, rindo, que um dia lhe daria um prêmio na águia. A brincadeira explica a escolha do pai: Camilo desconfiava que o bicheiro tinha parte na boa sorte dos bichos, e quis ligar-se a ele por um laço espiritual. Não jogou logo na águia, “para não espantar”, disse consigo mesmo; mas não esqueceu a promessa, e um dia, em tom de riso, lembrou ao bicheiro:

— Compadre, quando for a águia, me avise.

— A águia?

Camilo recordou-lhe o dito; o bicheiro caiu na gargalhada.

— Não, compadre; eu não posso adivinhar. Aquilo foi pura brincadeira. Quem dera eu pudesse lhe dar um prêmio. A águia dá; não é comum, mas dá.

— Mas por que será que eu ainda não acertei nela?

— Isso eu não sei; não posso dar conselhos, mas desconfio que você, compadre, não tem paciência com o mesmo bicho, não joga com constância. Troca demais. É por isso que acertou tão poucas vezes. Me diga uma coisa: quantas vezes você já acertou?

— De cabeça não sei dizer, mas está tudo muito bem anotado no meu caderno.

— Pois vá conferir, e vai descobrir que todo o seu mal está em não teimar algum tempo no mesmo bicho. Olhe, um homem negro que há três meses joga na borboleta ganhou hoje e levou uma bolada...

Camilo anotava, de fato, a despesa e a receita, mas não as comparava, para não conhecer a diferença. Não queria saber do déficit. Embora fosse metódico, tinha o instinto de fechar os olhos à verdade, para não vê-la e se aborrecer. Mesmo assim, a sugestão do compadre fazia sentido: talvez a inquietação, a impaciência, a falta de firmeza nos mesmos bichos fosse a causa de nunca tirar nada.

Ao chegar em casa, encontrou a mulher dividida entre a cozinha e a costura. Germana tinha adoecido, e Joantina fazia o jantar ao mesmo tempo em que terminava o vestido de uma cliente. Costurava para fora, para ajudar nas despesas da casa e comprar algum vestido para si. O marido não escondeu o desgosto com aquela situação. Correu para ver a doente; encontrou-a já melhor da febre, graças ao quinino que a mulher tinha em casa e lhe dera “por imaginação própria”; e a velha acrescentou, sorrindo: — Imaginação de Nhã Joantina é boa.

Jantou triste, por ver a mulher tão carregada de trabalho; mas a alegria dela era tanta, apesar de tudo, que acabou ficando alegre também. Depois do café, foi ao caderno que guardava trancado na gaveta e fez os seus cálculos. Somou as apostas e os bichos: tantas na cobra, tantas no galo, tantas no cachorro e assim por diante, uma fauna inteira — mas com tão pouca persistência que era fácil errar. Não queria somar a despesa e a receita, para não levar de cara um grande golpe, e fechou o caderno. Afinal não resistiu: somou devagar, com cuidado para não errar. Tinha gasto setecentos e sete mil-réis e ganhado oitenta e quatro — um déficit de seiscentos e vinte e três mil-réis. Ficou assombrado.

— Não é possível!

Contou outra vez, ainda mais devagar, e chegou a uma diferença de cinco mil-réis a menos. Ganhou esperança; somou de novo as quantias gastas e encontrou o déficit original: seiscentos e vinte e três mil-réis.

Trancou o caderno na gaveta. Joanhina, que o tinha visto jantar alegre, estranhou a mudança e perguntou o que ele tinha.

— Nada.

— Você tem alguma coisa; lembrou de algo...

— Não foi nada.

Como a mulher teimasse em saber, ele inventou uma mentira — uma discussão com o chefe da seção —, coisa à toa.

— Mas você estava alegre...

— Prova de que não vale nada. Só me lembrei agora... e estava pensando no caso, mas não é nada. Vamos à bisca.

A bisca era o espetáculo deles: a Ópera, a Rua do Ouvidor, Petrópolis, a Tijuca — tudo o que pudesse significar diversão, passeio, descanso. A alegria da esposa voltou ao que era. Quanto ao marido, se não ficou tão expansivo como de costume, achou algum prazer e muita esperança nos números das cartas. Jogou a bisca fazendo cálculos: conforme a primeira carta que saísse, depois a segunda, depois a terceira; esperou a última; adotou outras combinações, para ver quais bichos correspondiam a elas — e viu muitos, principalmente o macaco e a cobra. Firmou-se nesses dois.

— Meu plano está pronto — saiu pensando no dia seguinte. — Vou até os setecentos mil-réis. Se não tirar uma quantia grossa, que anime, não compro mais.

Firmou-se na cobra, por causa da astúcia, e caminhou para a casa do compadre. Confessou que tinha aceitado o conselho dele e que começava a teimar na cobra.

— A cobra é boa — disse o compadre.

Camilo jogou uma semana inteira na cobra, sem tirar nada. No sétimo dia, teve a ideia de fixar mentalmente uma preferência e escolheu a cobra-coral: perdeu. No dia seguinte, chamou-a de cascavel: perdeu também. Veio a surucucu, a jiboia, a jararaca — e nenhuma variedade escapou da mesma tristíssima sorte.

Mudou de rumo. Teria mudado até sem motivo, apesar da promessa feita; mas o que de fato o decidiu foi ter cruzado com um carro que por pouco não matou um pobre menino. Juntou gente, veio a polícia; o menino foi levado à farmácia, o cocheiro, ao posto da guarda. Camilo só reparou bem no número do carro, cuja terminação correspondia ao carneiro. Adotou o carneiro.

O carneiro não foi mais feliz que a cobra. Ainda assim, Camilo se apegou àquele método de adotar um bicho e jogar nele até esgotá-lo: era seguir os números que o acaso trouxesse. Por exemplo: entrava numa rua de olhos no chão, dava quarenta, sessenta, oitenta passos, erguia de repente os olhos, fitava a primeira casa à direita ou à esquerda, tomava o número e dali tirava o bicho correspondente. Já tinha esgotado o método dos números escritos e sorteados dentro do chapéu, o do bilhete do Tesouro — coisa rara — e cem outras fórmulas, que se repetiam ou se completavam. Em todo caso, ia resvalando para a impaciência e variava demais.

Um dia, resolveu fixar-se no leão. O compadre, quando percebeu que ele realmente não saía mais do rei dos animais, deu graças a Deus.

— Ora, graças a Deus que o vejo capaz de dar o grande bote. O leão anda esquivo; é provável que derrube tudo, mais dia, menos dia.

— Esquivo? Mas então isso não quer dizer que...?

— Ao contrário.

Dizer o quê? Ao contrário de quê? Palavras obscuras — mas, para quem tem fé e lida com números, nada mais claro. Camilo aumentou ainda mais o valor da aposta. Faltava pouco para os setecentos mil-réis: ou vencia, ou morria. A jovem esposa mantinha a alegria da casa, por mais dura que fosse a vida, pesados os trabalhos, crescentes as dívidas e os empréstimos — e não raras, até, as fomes. Culpa ela não tinha, mas tinha paciência. Ele, quando chegasse aos setecentos mil-réis, trancaria a porta.

O leão não queria dar. Camilo pensou em trocá-lo por outro bicho, mas o compadre se afligia tanto com essa fraqueza que ele acabava ficando nos braços da realeza. Já faltava pouco; enfim, pouquíssimo.

— Hoje eu respiro — disse Camilo à esposa. — Aqui está a última nota.

Por volta das duas horas, sentado à mesa da repartição, copiando um documento importante, Camilo ia calculando os números, já descrente da sorte. O documento tinha algarismos; ele os errou muitas vezes, por causa da confusão em que uns e outros giravam dentro do seu cérebro. A troca era fácil: os números dele vinham ao papel mais vezes que os do documento original. E o pior é que ele nem percebia — escrevia o leão em vez de transcrever a soma exata das toneladas de pólvora...

De repente entra na sala um contínuo, chega ao ouvido dele e diz que o leão tinha dado. Camilo deixou cair a pena, e a tinta inutilizou a cópia quase pronta. Se fosse outra ocasião, seria o caso de dar um murro no papel e quebrar a pena; mas a ocasião era aquela, e o papel e a pena escaparam às violências mais justas deste mundo: o leão tinha dado.

Mas, como a dúvida não morre:

— Quem foi que disse que o leão deu? — perguntou Camilo baixinho.

— O moço que me vendeu na cobra.

— Então foi a cobra que deu.

— Não, senhor; ele é que se enganou e veio dar a notícia pensando que eu tinha comprado no leão. Mas foi na cobra.

— Você tem certeza?

– Certeza absoluta.

Camilo quis sair correndo, mas o papel borrado de tinta acenou-lhe que não. Foi ao chefe, contou o desastre e pediu para fazer a cópia no dia seguinte; viria mais cedo, ou levaria o original para casa...

– O que está dizendo? A cópia tem de ficar pronta hoje.

– Mas são quase três horas.

– Prorrogo o expediente.

Camilo teve vontade de prorrogar o chefe até o mar, se fosse permitido dar esse uso ao verbo e ao regulamento. Voltou à mesa, pegou uma folha de papel e começou a escrever o pedido de demissão. O leão tinha dado; podia mandar embora aquele inferno. Tudo isso em segundos rápidos, apenas um minuto e meio. Como não havia remédio, pôs-se a recopiar o documento, e antes das quatro horas estava pronto. A letra saiu tremida, desigual, raivosa, depois melancólica, pouco a pouco alegre — à medida que o leão, adoçando a voz, dizia ao ouvido do escrevente: “Eu dei! Eu dei!”

— Ora, chegue aqui, me dê um abraço — disse o compadre, quando ele apareceu por lá. — Até que enfim a sorte começa a protegê-lo.

— Quanto?

— Cento e cinco mil-réis.

Camilo pegou em si e nos cento e cinco mil-réis, e só na rua percebeu que não tinha agradecido ao compadre. Parou, hesitou, seguiu em frente. Cento e cinco mil-réis! Estava louco para levar a notícia à mulher; mas, assim... só a notícia...?

— Sim, é preciso festejar esse acontecimento. Um dia não é todo dia. Devo agradecer ao céu a fortuna que me deu. Um pratinho melhor à mesa...

Viu ali perto uma confeitaria; entrou e correu os olhos por tudo, sem escolher nada. O confeiteiro veio ajudá-lo e, notando a indecisão de Camilo entre a mesa e a sobremesa, resolveu vender-lhe as duas coisas. Começou por um pastelão, “um rico pastelão, que enchia os olhos antes de encher a boca e o estômago”. A sobremesa foi “um rico pudim”, em que estava escrito, com letras de massa branca, este viva eterno: “Viva a esperança!”

A alegria de Camilo foi tanta e tão barulhenta que o homem não teve outro remédio senão oferecer-lhe vinho também, uma ou duas garrafas. Duas.

— Isto não vai sem um Porto; eu lhe mando tudo por um menino. Não é longe?

Camilo aceitou e pagou. Combinou com o menino o endereço da casa e o que ele deveria fazer: que não batesse à porta; chegasse e esperasse; podia ser que ele ainda não estivesse em casa; se estivesse, viria à janela de vez em quando. Pagou dezesseis mil-réis e saiu.

Estava tão contente com o jantar que levava e com o espanto que fazia à mulher, que nem se lembrou de dar uma joia de presente a Joaninha. A ideia só o assaltou no bonde, já em movimento; desceu e voltou a pé, atrás de um mimo de ouro — um broche que fosse, com uma pedra preciosa. Achou um broche nessas condições, de preço tão modesto — cinquenta mil-réis — que ficou admirado; mas comprou-o assim mesmo e voou para casa.

Quando chegou, o menino estava à porta, com cara de quem já o tinha xingado e mandado ao diabo. Camilo tirou-lhe os embrulhos das mãos e ofereceu uma gorjeta.

— Não, senhor; o patrão não deixa.

— Pois não conte ao patrão. Pegue aí dez tostões: servem para comprar na cobra. Compre na cobra.

Indicar ao menino o bicho que não tinha dado, em vez do leão, que tinha dado, não foi cálculo nem maldade; foi, talvez, confusão. O menino recebeu os dez tostões; ele entrou em casa com os embrulhos, a alma nas mãos e trinta e oito mil-réis no bolso.

*Publicado originalmente no Almanaque Brasileiro
Garnier, janeiro de 1904.*

Notas do tradutor

Jogo do bicho — loteria informal criada no Rio de Janeiro em 1892 e ainda hoje conhecida: cada bicho corresponde a um grupo de números, ligado ao final do sorteio da loteria oficial (a “sorte grande” do original é o prêmio maior).

Dinheiro da época — vintém = 20 réis; tostão = 100 réis; mil-réis = 1.000 réis; conto de réis = 1 milhão de réis. A conta do final fecha: dos 105 mil-réis do prêmio, Camilo gasta 16 na confeitaria, 50 no broche e 1 mil-réis (os dez tostões da gorjeta) — e chega em casa com 38.

Montepio — desconto obrigatório no salário dos funcionários públicos, destinado a um fundo de pensão; um antepassado da previdência.

“Marcar passo” – expressão militar: marchar sem sair do lugar. É a imagem que Camilo usa para a carreira estagnada.

“Matar o bicho” – gíria do século XIX para tomar um gole de cachaça; daí o narrador avisar que “jogar no bicho” não é eufemismo como esse.

Bisca – jogo de cartas popular, o lazer barato do casal. Nhã – tratamento derivado de “sinhá”. Contínuo – funcionário que fazia recados e entregas na repartição.

Termos raciais – o original de 1904 diz “a preta velha” e “um preto”, conforme o uso da época; esta versão adota vocabulário atual (“a velha negra”, “um homem negro”), sem alterar o contexto social do conto: Germana é a mulher negra idosa que criou Joantina e trabalha para o casal sem salário.

Créditos

Jogo do bicho

Machado de Assis (1839–1908)

Tradutor: Paulo Henrique

Almanaque Brasileiro Garnier, Rio de Janeiro,
janeiro de 1904

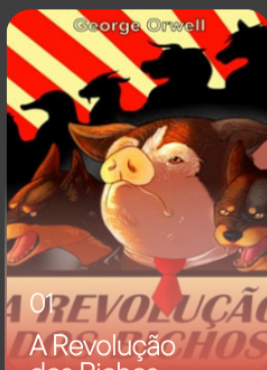
versão atualizada com notas
2026

venda proibida



Os melhores livros

Recomendados



01
A Revolução
dos Bichos

Avaliação 8/10



02
Dom
Casmurro

Avaliação 7/10



03
A
República

Avaliação 8/10



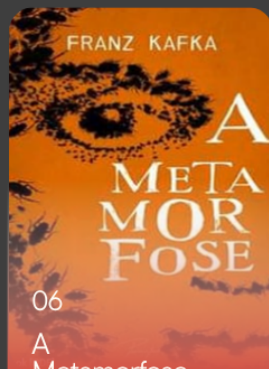
04
Alice no País
das Maravilhas

Avaliação 9/10



05
O
Alienista

Avaliação 8/10



06
A
Metamorfose

Avaliação 7,5/10

Escolha a sua próxima leitura!